

# A VELHA GUARDA

ORÇÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

AGOSTINHO FERNANDES ROCHA

Propriedade da Empreza de A VELHA GUARDA

Redactor principal:

JOAQUIM DE ALMEIDA GUIMARÃES

Pedagogia e Administração: Rua Elias Garcia, 46. — Composto e impresso na Tipografia de A VELHA GUARDA: Rua Elias Garcia, 45 — GUIMARÃES

## IMPRESSÕES

A pesar de não termos recebido aquelle mimoso convite que a sagacidade de certos entendidos rematar por um baliente *Deus garde V. Ex.ª*, também fomos assistir á festa ultimamente realzada na Sociedade Martins Sarmiento. Tudo lá nos levava: a simpatia que tais festas nos despertam pelo fim a que se destinam, o preito a prestar a um dos maiores vultos da nossa terra; a amenidade do dia e — porque calá-lo? — a esperança de ouvir coisa de geito. Lá fomos e a um cantinho nos encolhemos, deixando que a saudade nos levasse a imaginação para a colossal obra do homem eminente que á Sociedade tem por patrono e foi assim que nos encontramos, divagando no vasto campo da sciencia a que Martins Sarmiento tanto realce deu, quando a sessão se abriu. Espevitamos os ouvidos; anunciavam-se discursos de polpa e por isso não queriamos perder palavra.

Aberta a sessão foi a palavra dada ao ex.º sr. representante da Camara, que por sinal foi feliz, e depois é convidado para falar, quando já feita a distribuição de premios aos pequeninos, o sr. dr. Dias Pinheiro, professor do nosso liceu.

Não pretendemos arvorar-nos em critico do descosido discurso de s. ex.ª. Simplesmente queremos apontar aqui o desapontamento em que ficamos depois de o ouvir. Francamente, nem sabemos nem sabemos ainda o que o orador desejaria dizer na dêle. Falou de tudo, beliscou em tudo, mas sem seqüencia e com uma lozeira e tão vagamente, que o achamos descolorido, impreciso. Enfim e no dizer de quem o conhecia, o sr. dr. Dias Pinheiro foi infeliz, o que sinceramente lamentamos.

Segue-se no uso da palavra o ex.º sr. Padre Gaspar Roriz. Vai ser agora, disse eu cá para os meus botões; este vai satisfazer-me o bichinho do ouvido. E satisfez. S. ex.ª que pisa muito bem o palco, apresentou-se desempenado, numa attitude prometedora de grande successo. Não pausou a mão no quadril rotundo, isso é verdade; mas passou-a pela testa, naquelle gesto tão peculiar aos oradores de fina raça, e, feito isto, começou.

«Claro está que não vamos fazer aqui a autopsia a tudo o que disse o orador. Não. Citaremos apenas, algumas passagens que, a nosso ver, são dignas de registro. Por exemplo: Tendo o sr. dr. Dias Pinheiro dito que não com-

preendia que se dessem mal homens com illustração, o sr. Padre Roriz pegou-lhe por aí e em voz cheia e tom de pulpito largou esta: «sim; a illustração é boa, mas melhor é a educação. A illustração num homem sem educação pode tornar-se em punhal na mão de bandido!»

Ficamos abismados com tanta... sabedoria. Ficamos pasmados por não haver ali quem lhe dissesse que não ha, não se admite illustração, cultura, instrução, sem educação; que está e aquella são inseparáveis. Instruir é educar, diziam os livros do meu tempo, dá-lo a experiencia e a pedagogia, de que s. ex.ª não pesca boia, pelo que nos foi dado ver. Ainda se o dissesse baixinho, vá que não vá; mas dizê-lo alto e diante de professores, é arrojo. Isto nos leva a crer que o sr. dr. Dias Pinheiro gosou a ventura de se não ver só na desdita.

Mas ha mais. No fim do seu discurso quiz o orador mostrar que aquella intolerancia a que, para o fustigar, se tinha referido o orador que o antecedeu, lá lhe vivia acachapada no peito, forte, dominadora, tão forte e tão dominadora que o levou a cometer um erro imperdoavel. Referimo-nos ao *Deus garde V. Ex.ª* com que o padre saudou os membros da meza ao terminar o seu discurso; ao *Deus garde V. Ex.ª* que arrancou gargalhadas alvares e grosseiras a um sujeito que se tinha postado perto do estrado. Não se importou o Padre Roriz dos presentes deixando-se arrastar pela sua veia comica; não quiz saber do caracter da festa, nem da baixa lição que, a ser por elas compreendido, daria ás dezenas de crianças que o ouviam!

O reverendo orador procedeu mal, procedeu immoralmente, aproveitando a ocasião e o lugar para um desforço injusto. Desmascarou um proposito naquilo que se queria attribuir a um equívoco e deu razão áqueles que viram no convite feito para a festa um acinte, uma incorrecção grave.

Por tudo isto nós julgamos o seu discurso digno de critica e tanto mais quanto é certo ter s. ex.ª dito que deviamos tender para a formação de caracteres. Está o seu proceder em desacórdio com os seus actos e se isso é censuravel em qualquer, mais o é num padre!

De:ta o não guardou Deus; não lho consentiu Dona Intolerancia.

PLAUTO.

## Os novos ricos da politica

A grande guerra gerou uma fauna antipatica de argentários — a dos novos-ricos.

Mas, entre nós, nao foi só na esfera dos negocios que se criou semelhante conglomerado de bafejados da fortuna. Graças ao deambulismo, podridão moral nascida do defectismo e da traição determinados pela guerra, formou-se tambem uma classe especial de triumphadores que um alto espirito da nossa terra, com uma graça caustica, baptisou de *novos-ricos da politica*.

Efectivamente, quem como nos anda nesta vinha da Republica cavando ha um bom par de anos, desde os tempos da propaganda, fica maravilhado com a carreira, na verdade, vertiginosa, de muitos dos nossos homens publicos, de Monsanto para cá.

Criaturas que nunca viramos ao nosso lado, nos saudosos tempos em que ser republicano era um titulo de honra mas tambem um desafio permanente ás más vontades e perseguições da monarchia, guindaram-se, num abrir e fechar de olhos, aos pinaculos desta pobre Republica, sempre magnanima e dadivosa para os mais descarados arrivistas.

Pessoas que eram nossos encarniçados inimigos nos tempos da realza e que, mesmo depois do novo regimen implantado, raivosamente nos hostilizaram, chegando mesmo a conspirar, surgiram-nos de repente, após a jornada heroica de Monsanto, supremos mandantes e arbitros da politica republicana.

As poltronas parlamentares e ministeriais foram assaltadas á compita, por autenticas turbas de anónimos.

Homens sem nenhum passado, sem nenhuma especie de bagagem de sacrificios, sem nenhuma ordem de serviços presta, os á Republica e á Patria, milicianos apenas, como os seus congeneres no mundo dos negocios, conquistaram a riqueza politica e elles aí vão numa cavalgada alucinante, asenhoreando-se de successivos postos, até aos mais elevados, num crescendo de audacia e de exito.

Incompetentes quasi todos, balofos, sem ideais nem principios, sómente preocupados com o triunfar da sua insignificancia pessoal, sem nenhum plano nem obra a realizar, contentando-se apenas com acrescentar, nos cartões de visita, a designação snob de *Ministro da Republica* e com estadear e sua insolente vaidade de Pachecos, no recosto almofadado dos automovéis ministeriaes, com *correio e tudo*, como dizia o illustre camachista dr. Augusto de Vasconcelos, esses *novos ricos da politica* são o *pendant* condigno dos seus irmãos gêmeos que, á custa de açambarcamentos e negociações muitas vezes incoifessaveis, submeteram ao seu dominio o bezatro de onro.

Em politica, como na tropa, pode haver a promoção por distincção mas á maneira mais justa e regular de galardoar serviços e reconhecer meritos é ainda a pro-

moção por antiguidade. Mesmo, porque assim, sem atropelar ninguém, sem ferir as suscetibilidades dos mais antigos, dos encanecidos nas lutas partidarias, se não corre o risco bastante perigoso de elevar aos primeiros postos, lugares portanto de uma grande responsabilidade, personagens ineditos, sem experiencia alguma dos factos e dos homens, ameaçando com a sua inexperiencia e a sua *gaucherie*, tornar-se em agentes os mais nocivos de desagregação e dissolvençia.

Clemenciau — para ir buscar á estranja um exemplo bem destacante — só chegou a presidente do ministério depois de uma villa muito longa de combates, os mais rudes e aspessos, iniciando a sua vida publica em 1870, como modesto *maire* dum dos *arrondissements* de Paris, enfilicando depois na brilhante pleiade dos homens que cercaram Gambetta, para muito mais tarde, cansado já de ser o *tombeur de ministères*, surgir organisador da victoria, *le père la Victoire*.

Aqui, após Monsanto, tem-se visto presidentes de Ministerio que dev'eriam contentar-se com um governo civil e... já andavam com muita sorte!

Uma grande parte do mal-estar politico deve-se á escandalosa, insultante e vexatoria preponderancia dêstes *novos ricos da politica*. Tal qual na situação económica e financeira, a ganancia desenfreada dos novos ricos do dmheiro.

E' claro, para todos estes novos ricos, duma e outra especie, isto caminha no melhor dos mundos possível. Uns e outros tri-pudiam alegremente sobre o país e as instituições.

Uns bendizem e abençoam a guerra que lhes encheu as burras, os outros, louvam *in peto* o deambulismo e deixam continuar Sidónio Pais nos Jerónimos e se pudessem, cobrir-lhe iam o cada-ver de flores, porque, no intimo, reconhecem, gratissimos que nada seriam na vida publica, se elle lhes não tivesse dado o ser.

(De «O Norte».)

## Diálogos académicos

— Pelo que tenho visto e ouvido, parece-me que a academia do nosso tempo deixa muito a desejar. Todos dizem que de antes é que havia academia, que havia estudantes briosos, que sabiam conduzir as missas populares, que eram os estudantes quem tratava das coisas mais graves da politica e tantas outras coisas mais...

— Oh, meu caro Afonso, isso deve ser verdade em parte; mas não deve ser tanto como se diz. Em todos os tempos havia de haver estudantes como os de agora que não viam para além das suas proprias pessoas. E á prova é que os homens que nós conhecemos e que pertenceram ás gerações passadas, não vão muito mais longe que nós na apreciação dos acontecimentos. Os nomes que saíram dessas gerações são tão poucos que haviam de constituir uma minoria

quasi insignificante nas academias do seu tempo. Agora em que há verdade é em não se lobrigar nem sombra dessa minoria.

— Pois isso é que dá razão a quem diz que não há academia. Claro que não haviam de ser todos os estudantes a saber o que tinham a fazer num dado momento; mas todos estavam dispostos a seguir áqueles que melhor pensassem...

— Sim. Eram mais solidarios os estudantes doutro tempo. Mas, como te has de lembrar, abusavam da nossa boa fé. Lembra-te do movimento deambulista? Lembra-te da greve dos estudantes do Liceu, que precedeu esse movimento? Querias uma maior solidariedade? Quando foi que a academia dos liceus fez um movimento tão solidario como esse? Mesmo quando foi que a Universidade fez um movimento parecido?

— Sim. Isso é verdade.

— Então quando se viu, em terras portuguezas, um movimento de todos os estudantes de todos os liceus que sustentam uma greve durante dois meses?

— E' verdade, é. E olha que nós, ainda assim, fomos muito mais importantes do que á primeira vista nos parece. Porque afinal de contas, não nos custou muito esse movimento, pois não?

— Pois não, não. E por isso mesmo é que elle não tem a importancia que tu agora lhe queres dar. Não nos custou nada, porque nós não passavamos dum instrumento nas mãos de pescadores de aguas turvas; e porque os republicanos não estavam a ver o golpe que, daquela maneira queriam vibrar na propria Republica. Explorou-se a solidariedade academica em favor duma das maiores torpezas que gentes lusas deixaram cometer.

— Que torpeza?

— Então não te lembras que foi a seguir á greve que rebentou o movimento germanofilo de 5 de Dezembro? Não sabes que depois disso é que deixámos de mandar gente no-sa para a grande guerra? Não sabes que os nossos soldados foram abandonados em França? Não te recordas já do 9 de Abril que serviu para provar que só os verdadeiros portuguezes eram aquelles que em terra estrangeira, e talvez por isso, sabiam o valor desta Raça? Não sabes que foram eles que entregaram a Republica aos monarchicos? Achas pouca torpeza tudo isto?

— Tudo isso é verdadeiro; mas não vejo que tenha nada com a nossa greve. Então nós fizemos a greve para isso? Não era a nossa greve absolutamente justa?

— Não me estás a entender bem. A nossa greve era justa, mas não foi a nossa justiça que triunfou. Nós metemo-nos em cavalarias altas e fizemo' figura enquanto um poder oculto nos guiava. Logo que esse poder conseguiu os seus fins, fomos abandonados e foi-nos imposto pelos triumphadores aquelle mesmo regimen escolar contra que nós protestavamos. Percebeste agora?

— Oh, ainda não tinha pensado nisso. Sempre estive convencido que nós tinhamos vencido em toda a linha. Mas estou agora a ver que fomos ludibriados...

— Pois era o que há pouco te

dizia. Uzaram-nos como instrumentos.

— Mas sendo assim, como parece, porque foi que não se preveniram os verdadeiros republicanos? Pois não é verdade que muitos de nós julgavam servir a Republica?...

— Esse foi o erro. Os republicanos não vieram logo explicar os motivos secretos do movimento. Muito naturalmente lhes não passava pela cabeça que houvesse traidores de tanta pópa. Porque comprehendes que é preciso ser muito malvado para não poupar a mocidade, pondo-a a servir os seus fins. Porque, nós agora vemos bem, mas na ocasião passaríamos por cima de todas as razões, tão entusiasmados andávamos! Quem nos havia de dizer que havia tartufos tamanhos!

— Olha que isso tem jeito de ser assim, tem. E então os malandros não hesitaram em servir-se da gente, hein?

— Pois, por isso, é que nós precisávamos de ter agora pessoa de confiança para podermos prestar auxílio á Republica e estarmos sempre com medo que nos façam outra... Este é que foi o verdadeiro mal produzido por essa greve. Daqui é que resultam as censuras, á Academiá, mais certeiras.

— Não me parece. Que diabo, lá porque fomos comidos uma vez, havemos de o ser sempre?

— Não. Tu não estás a desanimar-te. Isto é, apenas, como em explícito o retratamento dos estudantes em assuntos que não tem tratado como devem. E' ainda a razão porque muitos começaram a dobrar-se sobre si mesmos a contemplar a sua importancia, julgando que assim, não prestando serviços alguns e pondo-se a observar misticamente o passado, podem ao menos livrar-se do que eles supõem ser o ridiculo.

O nosso movimento não trouxe a nossa justiça? Pois não foi nossa a culpa. E' pronto. Nós não temos que desanimar por isso. O que temos é de continuar a ser moços activos e vigilantes a prescrever tudo para que nada nos seja indifferente e, dalguma coisa sirva. Não havemos de querer que nos dêem o mundo como qualquer o pensa tirando-lhe o que lhe convem para nos fazer servos. Não. Esforcemo-nos para que imprimamos ao mundo o nosso ser, tal a qual é, e, Eufim não sejamos integralistas.

— Oh diabo, olha que já são horas da aula. Vamos embora que ele não é para b'incadeiras. «Falta marcada... está marcada».

A. HENRIQUES.

## A corporação de policia

Assim como um sentimento de tristeza e amargura nos invade quando temos de apontar erros, reprovos actos, procedimentos, e registar crimes, quando temos, enfim, de nos referir a qualquer figura desse cortejo desolador de miseria humana que parece, em todos os tempos, apostado em só prestar culto a uma imbecilidade feroz, com louca pretensão em vexar a Verdade e a Justiça, — outro sentimento de consolação, de suavissimo prazer nos acaricia, nos invade, quando nos é dado registar actos dignos de louvor, procedimentos reveladores de uma intelligencia culta, dum caracter firme no dever e grande nos sentimentos.

Sugere-nos estas considerações o facto de o sr. Duarte Fraga, illustrado capitão de infantaria 20 e actual administrador do nosso concelho, que logo nos primeiros

dias da sua administração nos revelou a sua competencia, a sua isenção partidaria, mas sempre servindo bem a Republica, ter conseguido certos beneficios para a nossa corporação de policia que, na verdade, tal como se encontrava ao tempo daquele illustre official tomar posse do cargo de administrador, era uma vergonha.

Ninguém, em Guimarães, o ignora. A nossa corporação de policia chegou a um estado de «pelintra» e «miseria» que foi preciso ocultá-la ás vistas dos nossos hospedes. Antes dar a impressão de não ter policia do que oferecer um ridiculo.

O caso explica-se: o custo da vida foi subindo, subindo, e está já, não se sabe a quantos quilómetros acima do nível do mar; apesar de todos os requerimentos e petições, os irrisorios vencimentos dos guardas ficaram *statu quo ante*; as fardas romperam-se; no cofre da policia não ha um centavo; da Camara não veem socorros pecuniarios; os guardas veem-se impossibilitados de se fardar á sua custa; a maioria destes debanda, pedindo a demissão; alguns ficam, mas não saem á rua, é preciso escondê-los aos olhos dos nossos visitantes, porque não tem farda nem botas, e mais parecem mendigos que agentes da autoridade.

Foi assim que, ao ver tão censuravelmente votada ao desprezo uma corporação que é forçoso que se mantenha, pelos serviços que presta e que as exigencias deste populoso concelho já não dispensam, o sr. capitão Duarte Fraga pensou modificar tão critica situação e conseguiu-o já, em parte.

Fez preencher, por concurso, as vagas existentes. Não corresponderam — e nunca podiam corresponder pela exiguidade dos vencimentos — os concorrentes ao que idealizou, mas disciplinador, sem deixar de ser benevolente, sabemos que trabalha por fazer de cada guarda um agente de autoridade como se requer.

Com tenacidade e proprio sacrificio monetario conseguiu fardas para todos os guardas, que já hoje, sabado, aparecerão em todos os actos de serviço.

Por este beneficio, os guardas bendizem o seu superior, a um dos quais ouvimos esta frase significativa: «*Já temos fardas e botas, e se o nosso capitão se demora até temos rancho.*»

Com efeito, é louvavel tudo quanto o sr. administrador do concelho vem fazendo a favor da nossa corporação policial e que aqui nos é consolador registar.

Não lhe regateamos, por isso, os louvores que merece e oxalá que mais ensejos se nos ofereçam para a sua ex.<sup>a</sup> nos referirmos com elogio.

Resta agora que a corporação saiba corresponder aos desejos e sacrificios do seu intelligente orientador e superior tão digno de consideração e respeito.

## Deus Guarde V. Ex.<sup>a</sup>

Se aqueles individuos que se encontram em lugares de representação social e que, nessa qualidade, foram con-

vidados para assistir á festa que se realizou no dia 9 do corrente na Sociedade Martins Sarmiento, deixassem de lá ir, estariam no uso de um são direito.

Na verdade, ante a caturrice um tanto parva de um *Deus guarde V. Ex.<sup>a</sup>*, esses individuos quasi tinham o dever de recambiar á Sociedade o convite, dando-lhe assim uma boa e merecida lição de bom senso e delicadeza.

Quem quer ser respeitado, respeita e o convite feito pela Sociedade Martins Sarmiento e por aí distribuido deixa muito a desejar em respeito, em cortezia. Não sabemos o que terão dito os snrs. convidados em face do caso. Sabemos apenas que alguns se melindraram, lastimando que á frente da Sociedade se não vejam homens com tino bastante para evitar disparates deste jaez.

Deus guarde V. Ex.<sup>a</sup>... Esta só lembrava ao diabo.

## «O Gil Vicente»

O «Gil Vicente» não morreu! O «Gil Vicente» não tarda a aparecer aí, fresco como sempre e prontinho a lançar-se de novo na vesga campanha encetada contra a Democracia. Vamos ter de novo em letra redonda a calunia, o insulto a todos os que não vão nas suas aguas, tudo isto naquela prosa de feira da ladra que o põe na frente dos *sem escrupulos*.

De novo terão onde vomitar os seus odios e as suas infamias os varios «Ariostos» de tão edificante memoria.

Alegra-nos o facto e por isso aqui o registamos, no proposito honesto de contribuir para que precaução tomem os que pela dignidade propria e alheia tem a consideração devida.

Vai reaparecer o orgão integralista! Mãos no nariz!

## Noticiario

### Regimento de infantaria 20

Chegaram ultimamente a esta unidade militar duas metralhadoras ligeiras «Lewis», o que representa um grande melhoramento para o seu material de guerra, pois que, cada uma destas metralhadoras, que ocupa um só homem, substitue o fogo de um pelotão de infantaria.

### Dr. Augusto Alfredo de Matos Chaves

Passou no dia 10 do corrente o aniversario natalicio do nosso querido amigo ex.<sup>mo</sup> sr. Dr. Matos Chaves, abalisado e distinctissimo clinico vimaranense.

A s. ex.<sup>a</sup> apresenta «A Velha Guarda», embora tardiamente, o seu cartão de felicitações muito sinceras.

## Associação Comercial de Guimarães

Agradecemos o exemplar do relatorio da gerencia de 1920, que nos foi enviado.

Abre por uma elegante dissertação economica, de merecimento, que melhor caberia, assinada simplesmente pelo seu autor, em secção especial de qualquer revista litteraria, para que ninguém pudesse ficar com a impressão, embora errada, de que, por exemplo, o honrado mas modesto comerciante, sr. Manuel Ribeiro Guimarães, pretendia, porventura, *épater* os seus colegas desta terra, não menos honrados mas também tão modestos como elle.

Do relatorio constam, de teor, todas as actas e toda a correspondencia expedida e recebida durante o ano.

Na leitura ligeira que fizemos, nada encontramos, porém, que nos satisfizesse a curiosidade que temos de saber porque será que a Associação Comercial, tão solícita em dirigir-se, sob qualquer pretexto, aos poderes do Estado, que é republicano e neutro em materia religiosa, põe a sua bandeira em funeral na sexta-feira santa e se esquece de hasteá-la bem aito no dia 5 de outubro, em que se comemora a proclamação da Republica em Portugal.

## Obituario

### Domingos Ribeiro de Souza Agra

No lugar do Paço de Cima, freguesia de Creixomil, suburbios desta cidade, faleceu, no dia 9 do corrente, o nosso amigo sr. Domingos Ribeiro de Souza Agra, de 46 anos, casado, amaouense do Hospicio dos Expostos, da Camara Municipal de Guimarães.

Novo ainda, vitimou-o a terrivel tuberculose, deixando na orfanidade três filhinhas. Era um exímio caçador e muito estimado por todos, pois era um excelente amigo.

A' familia enlutada, especializando seu irmão o rev.<sup>o</sup> Humberto Agra, coadjutor de Cedofeita, da cidade do Porto, a expressão sincera das nossas vivas condolencias.

## ANUNCIOS

### = MADEIRA =

De castanho, cerdeira, platanó, australia, freixo, choupo, amicro, etc., com 3,5, 4 e 7 <sup>o</sup>/<sub>m</sub> de espessura e 15 a 40 <sup>o</sup>/<sub>m</sub> de largura por 2<sup>m</sup>,70 de comprimento, vende

Jordão, Guise & C.<sup>a</sup>  
GUIMARÃES

Pianos Vendem-se diversos para estudo. Falar nesta redacção.

## Dissolução de sociedade

Por sentença do dia primeiro do corrente mês, que transitou em julgado, proferida em acção proposta por Bernardino Jordão, casado, industrial, da Avenida Condição dos Reis, desta cidade, contra Florencio Leite Lage, também casado, industrial, morador na quinta de Santo André, freguezia de Creixomil, desta comarca, que não deduziu qualquer opposição, — foi para todos os efeitos legais julgada dissolvida a sociedade comercial em nome colectivo que, sob a firma Bernardino Jordão & Comp.<sup>a</sup>, existia nesta cidade, e a qual fôra constituída por escritura de 10 de Janeiro de 1914 e modificada por escritura de 3 de Agosto de 1918, e ordenado que se proceda á liquidação e partilha da mesma sociedade.

Guimarães, 14 de Fevereiro de 1921.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz Presidente do Tribunal do Comercio,

Amadeu G. Guimarães

O escrivão do 2.<sup>o</sup> officio,

Serafim José Pereira Rodrigues.

## COFRE

Vende-se com uma porta e á prova de fogo. Para informações — Vidua Fernandes. Rua da Republica.

## VENDE-SE

Uma motocicleta ALLRIGHT 5-7 H. P., em bom estado de conservação.

Informa: Drogaria Fernandes Guimarães & Irmão, Succesor. Rua da Republica, 84-92.

## Ouro Velho

Compra-se PELO MAXIMO PREÇO

RUA DA LIBERDADE, 5-2.<sup>o</sup>

## AVISO

O concessionario da iluminação electrica desta cidade previne os seus consumidores que não faz parte do seu pessoal o seu ex-empregado Miguel da Cunha (Barco-Vira), aviso que faz para evitar duvidas como algumas que ultimamente se tem dado com alguns consumidores.